



**INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS**  
**CAMPUS ARAPIRACA**  
**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO (*LATO SENSU*) EM LINGUAGEM E PRÁTICAS  
SOCIAIS**

**LUCAS SANTOS DE ASSIS**

**SEXUALIDADES OUTRAS: COLONIALIDADE DE GÊNERO E DE  
SEXUALIDADE EM ENUNCIADOS DA EXTREMA-DIREITA BRASILEIRA**

**ARAPIRACA, AL**

**2024**

LUCAS SANTOS DE ASSIS

SEXUALIDADES OUTRAS: COLONIALIDADE DE GÊNERO E DE SEXUALIDADE  
EM ENUNCIADOS DA EXTREMA-DIREITA BRASILEIRA

Artigo científico apresentado ao Curso de Pós-graduação (*Lato Sensu*) em Linguagem e Práticas Sociais do Instituto Federal de Alagoas, *campus* Arapiraca, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Linguagem e Práticas Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Danillo da Conceição Pereira Silva.

ARAPIRACA, AL

2024



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação**  
**Instituto Federal de Alagoas**  
***Campus Arapiraca***

---

A848s

Assis, Lucas Santos de.

Sexualidade outras: colonialidade de gênero e de sexualidade em enunciados da extrema-direita brasileira / Lucas Santos de Assis. – 2024.

1 PDF: (1 arquivo: 225 kB).

Arquivo digital no formato PDF do trabalho acadêmico com 21 folhas.

Orientação: Prof. Dr. Danillo da Conceição Pereira Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como artigo científico, (especialização, Pós-graduação em Linguagens e práticas sociais) – Instituto Federal de Alagoas, *Campus Arapiraca*, Arapiraca, 2024.

1. Linguística aplicada. 2. Estudos decoloniais. 3. Discurso - extrema-direita. I. Título.

CDD: 418

---

**Luciete Barbosa da Silva**  
**Bibliotecária CRB-4/1739**

LUCAS SANTOS DE ASSIS

SEXUALIDADES OUTRAS: COLONIALIDADE DE GÊNERO E DE SEXUALIDADE  
EM ENUNCIADOS DA EXTREMA-DIREITA BRASILEIRA

Artigo científico apresentado ao Curso de Pós-graduação (*Lato Sensu*) em Linguagem e Práticas Sociais do Instituto Federal de Alagoas, *campus* Arapiraca, como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Linguagem e Práticas Sociais.

Aprovado(a) em: 12/03/2024.

**AVALIADORA 01**

Documento assinado digitalmente



MARYANA JOSINA TAVARES DA ROCHA

Data: 21/06/2024 09:28:01-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profa. Ma. Maryana Josina Tavares da Rocha  
Instituto Federal de Alagoas

**AVALIADORA 02**

Documento assinado digitalmente



NATALIA LUCZKIEWICZ DA SILVA

Data: 21/06/2024 18:08:07-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profa. Ma. Natália Luczkiewicz da Silva  
Universidade Federal de Alagoas

## **AVALIADOR 03**



Documento assinado digitalmente

**GUSTAVO CORREIA DOS SANTOS**

Data: 09/07/2024 13:47:09-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

Prof. Me. Gustavo Correia dos Santos

Instituto Federal de Alagoas

## SEXUALIDADES OUTRAS: COLONIALIDADE DE GÊNERO E DE SEXUALIDADE EM ENUNCIADOS DA EXTREMA-DIREITA BRASILEIRA

### OTHER SEXUALITIES: COLONIALITY OF GENDER AND SEXUALITY IN STATEMENTS OF THE BRAZILIAN EXTREME RIGHT

Lucas Santos de Assis<sup>1</sup>

#### RESUMO

Situado no campo da Linguística Aplicada Indisciplinar (Moita Lopes, 2006), o presente artigo tem o objetivo de analisar três enunciados proferidos por figuras públicas da extrema-direita brasileira divulgados nos meios jornalísticos, e mostrar como eles relacionam sexualidades distintas da heterossexual à patologia, à anormalidade e ao *desvio da natureza humana*. Para tanto, em termos metodológicos, realizei uma revisão bibliográfica acerca da crítica decolonial (Mignolo, 2021; Quijano, 1999), apoiando-me especialmente nas questões de sexualidades e de gêneros, remontando a noção de Colonialidade de Gênero (Lugones, 2014); quanto uma análise dos três enunciados (Bakhtin, 2016) proferidos por agentes políticos da extrema-direita brasileira, colhidos das páginas de jornalismo digital, a saber: *Revista Fórum*, *Metrópoles* e *O Dia*, em publicações realizadas no ano de 2022. O trabalho de revisão bibliográfica e a análise dos enunciados permitiram-me argumentar sobre a dimensão constitutiva de ideologias coloniais sobre gêneros e sexualidades no discurso da extrema-direita brasileira, as quais retomam as lógicas de classificação e hierarquização de sexualidades outras que não aquelas validadas pela matriz subjetiva moderno-colonial. De modo geral, são mobilizados sentidos que produzem a *patologização* de modos de vida em conflito com a normatividade cisheterossexual, tomando-os como uma espécie de *desvio* da natureza humana, essa encarada como essencial, estável, binária e pré-discursiva.

**Palavras-chave:** estudos decoloniais; colonialidade de gênero; discurso da extrema-direita; sexualidades outras.

#### ABSTRACT

Situated in the field of Critical Applied Linguistics (Moita Lopes, 2006), this article aims to produce a situated interpretation of Brazilian far-right discourses on gender and sexuality circulating in different digital media. To this end, in methodological terms, we carried out both a bibliographical review of the decolonial critique (Mignolo, 2021; Quijano, 1999) of gender and sexuality, supported especially by notion of gender coloniality (Lugones, 2014), and an analysis of statements (Bakhtin, 2016) given by political agents of the Brazilian extreme right, from the digital journalism pages *Revista Fórum*, *Metrópoles* and *O Dia*, in publications published in 2022. The bibliographical review work and the analysis of the statements allow us to argue about the constitutive dimension of colonial ideologies about gender and sexuality in the discourse of the Brazilian extreme right, which resumes the logic of classification and hierarchization of sexualities other than those validated by the modern-colonial subjective

---

<sup>1</sup> Mestrando em Linguística Aplicada, pelo Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas (PPGLL/UFAL). E-mail: lucasassis3333@gmail.com.

matrix. In general, meanings are mobilized that produce the pathologization of ways of life in conflict with cisgender and heterosexual normativity, taking them as a kind of deviation from human nature, seen as essential, stable, binary and pre-discursive.

**Keywords:** decolonial studies; coloniality of gender; far-right discourse; other sexualities.

## 1 INÍCIO DE CONVERSA

Na política internacional, a última década foi marcada pela efervescência de movimentos da extrema-direita, os quais chegaram a altos patamares do poder político em alguns países, a exemplo da Polônia, dos EUA e do Brasil. Esses movimentos, dentre outras pautas, incentivaram e/ou promoveram a execução de políticas públicas contrárias aos direitos humanos, conquistados por meio da atuação política de grupos historicamente marginalizados. Desse modo, diversos direitos da comunidade LGBTQIA+, povos indígenas, pessoas negras e mulheres foram amplamente ameaçados (Boito-Júnior, 2021; Silva, 2022).

Eu, Lucas, reconheço-me como um homem branco, compartilho de traços fenotípicos hegemônicos na sociedade. Todavia, minha sexualidade, ao assumir-se como um homem gay, me realoca a posição de marginalização e subalternização social. Desde cedo, comecei a suprimir meus desejos homoafetivos. Não entedia o que eu era, nunca tive apoio dos familiares e nem da sociedade. Hoje, vendo os inúmeros casos de crimes cometidos contra a população LGBTQIA+, tenho medo de andar sozinho nas ruas, principalmente à noite. Sinto-me triste ao ver discursos de políticos que incitam pessoas a me odiarem e a me violentarem, não só a mim, mas a todos assumidamente LGBTQIA+.

Ao me situar como militante das causas LGBTQIA+, professor e estudante empenhando no campo da Linguística Aplicada Indisciplinar, reconheço o papel social que preciso desempenhar. Seja em minhas pesquisas ou em minhas práticas sociais, necessito reafirmar e lutar pelo meu lugar na sociedade, ser reconhecido como humano e não como um ser abjeto passível de violências e preconceitos. Nesse interim, reitero a justificativa dessa pesquisa. Luto! E continuarei lutando, por um sociedade em que possamos viver e amar.

Como característica marcante dos grupos de extrema-direita, os meios de comunicação digitais foram amplamente utilizados a fim de disseminar discursos de ódio e de intolerância, servindo-se da promoção de desinformação e de notícias falsas, que se disseminavam com agilidade em diferentes esferas de audiência (Boito-Júnior, 2021). No Brasil, essas estratégias de comunicação política foram fundamentais para a eleição do ex-presidente Jair Bolsonaro (Boito-Júnior, 2021).

Um fato que merece atenção, como demonstrado por diferentes pesquisas (Miskolci, 2007; Miskolci, Campana, 2017; Silva, 2019), é que boa parte desses conteúdos de intolerância e falhos com a realidade versavam, de diferentes modos, sobre temas relacionados à esfera da sexualidade, acionando, assim, *pânicos morais* (Miskolci, 2007) que foram decisivos para os rumos da democracia no Brasil. Em outras palavras, os discursos da extrema-direita sobre a sexualidade atuaram de forma intensa para a construção da ameaça democrática brasileira (Silva, 2022).

A linguagem pode ser materializada por meio de enunciados tanto verbais como verbo-visuais que circulam nas mais diversas esferas de atividades humanas, é nela e por meio dela que constituímos a nós e ao outro (Bakhtin, 2016). Assim, ao nos envolvermos com os múltiplos discursos circulados na sociedade, passamos a reproduzi-los e/ou contestá-los. Nessa perspectiva, como foi possível notar pelos sucessos eleitorais dos partidos políticos assumidamente de extrema-direita, os discursos disseminados por esses grupos extremistas convenceram um alto índice de pessoas de seus valores ideológicos. Parte dos efeitos desse

fenômeno foi a naturalização de posturas sociais que buscavam a subalternização e a dominação social de grupos historicamente marginalizados.

Essa percepção nos transporta para o momento de colonização das terras atualmente nomeadas como Américas, ou seja, para os processos de genocídio dos povos originários, o sequestro, o tráfico e a comercialização dos povos africanos escravizados como mão-de-obra forçada nas então colônias europeias. É nesse cenário que surgem complexos sistemas de categorização horizontal e vertical de formas de vida que se estendem para todo o mundo (Quijano, 1999). O núcleo mais básico dessa categorização consiste na inferiorização dos povos originários das Américas e dos povos de África através de fatores ontológicos e políticos que os classificavam como primitivos, inferiores e, no limite, destituídos de humanidade.

Mesmo com o fim do que Quijano (1999) chama de colonização, os preceitos difundidos nesses longos séculos de exploração da natureza e do corpo humano ainda estão enraizados fortemente na nossa sociedade. Refratados na nossa atualidade como a colonialidade, “presente na sociedade em diferentes níveis e pode multiplicar-se por meio de três dimensões, são elas: a colonialidade do poder, do saber e do ser” (Silva; Meniconi, 2023, p. 212), manifestada nos casos de racismo, xenofobia, homofobia, transfobia e feminicídio que presenciamos diariamente.

O recorte desta pesquisa está situado nesse momento de insurgência dos valores da extrema-direita, que excluem e estigmatizam formas outras de subjetividades humanas divergentes da que se estabeleceu como a padrão. Ou seja, padrões eurocentrados de subjetividade, cultura e traços fenotípicos, tendo como modelo o homem, cisgênero, branco, heterossexual e cristão. Assim, o objetivo dessa pesquisa é analisar três enunciados proferidos por figuras públicas da extrema-direita brasileira, divulgados nos meios jornalísticos, e mostrar como eles relacionam sexualidades distintas da heterossexual à patologia, à anormalidade e ao *desvio da natureza humana*, reafirmando, assim, uma concepção colonial da sexualidade.

A fim de atingir o objetivo delineado, adotamos uma metodologia de cunho qualitativo e interpretativista em Linguística Aplicada Indisciplinar (Moita-Lopes, 1998; Moita-Lopes; Fabrício, 2021). Do ponto de vista teórico, foram mobilizadas noções acerca dos enunciados, segundo Bakhtin (2016); discussões acerca da sexualidade, conforme Trevisan (2018), Foucault (2021) e Butler (2022), bem como estudos decoloniais, amparados em Lugones (2014, 2020), Mignolo (2021), Quijano (1999), dentre outros.

Este artigo está estruturado em três seções, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira, debato como as invenções de gênero e de sexualidade serviram para o controle dos corpos na sociedade. Na segunda discuto como a normatização da sexualidade e dos papéis de gêneros contribuem para uma disseminação das fabricações coloniais na sociedade. Na terceira, mostro como a linguagem pode atuar na manutenção da colonialidade do gênero e da sexualidade. E, na quarta e última seção, abordo a metodologia seguida e analiso os enunciados, com base nas perspectivas teóricas mobilizadas.

## 2 INVENÇÕES E REGULAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE

Michel Foucault, em *História da Sexualidade: a vontade de saber* (2021), discorre sobre como a sexualidade passa a ser incitada, a ser manifestada nas sociedades modernas. Todavia, ao afirmar tal premissa de revelar a sexualidade, podemos notar um contrastante com a circunstância de que a sexualidade foi/é um dos fatores que mais sofre/sofreu reprimenda na história. Na verdade, Foucault chama a atenção para a questão da *vontade de saber*, por parte das instituições de poder, especialmente citando como exemplo a igreja cristã, sobre a sexualidade de cada um, ou seja, por meio da confissão dos pecados que essa instituição implementou diretrizes de controle da sexualidade.

Com o Concílio de Latrão (1215), os atos das confissões cristãs são aperfeiçoados. E, como sabido, a fé cristã instaurou séries de confissões a seus fiéis ao longo da história, pois, desde a Idade Média, nas sociedades ocidentais, a confissão é considerada como um dos “rituais mais importantes de que se espera a produção da verdade” (Foucault, 2021, p. 65). Dessa maneira, as confissões relegam a jurisprudência da sociedade aos poderes da religião, julgando os atos dos sujeitos por meio dessas confissões, consideradas como um ato de vergonha e humilhação pelo qual o indivíduo conseguiria remitir seus pecados (Foucault, 2021).

O controle da sexualidade fica à mercê dos dogmas religiosos, que passam a disseminar uma *sexualidade voltada ao divino* e à reprodução da espécie humana, valendo-se da incrementação de interditos (Bataille, 2017) reguladores da atividade sexual. Isto é, com quem e quais os momentos específicos para a realização do coito sexual. Assim, há a naturalização da relação heterossexual como a única *desejada por Deus*, destinando as práticas sexuais divergentes do padrão heteronormativa ao pecado, ao mal, à doença e ao desvio da natureza humana.

Segundo Foucault (2021), até o século XVII, a sexualidade era um tema debatido abertamente na sociedade. Entrementes, a partir do Período Vitoriano, no século XIX, é deslocada para o encarceramento e o domínio do lar burguês. A família burguesa passa a impor o senso reprodutivo e normativo da sexualidade, reivindicando para si os direitos de *normatividade* e considerando *anormal* as demais formas de sexualidade divergentes (Foucault, 2021). Nessa tentativa de padronização e/ou normatização do sexo, direcionado unicamente à reprodução humana, a sociedade burguesa acaba por ramificar a pluralidade sexual.

Os discursos, como silêncios, nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele. É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o, mas também a mina, expõe, debilita e permite barrá-lo (Foucault, 2021, p. 110).

Os dizeres acima evidenciam como os discursos de regulamentação, de vigilância e de controle da sexualidade atuaram na ramificação das sexualidades divergentes da heterossexual, em que passaram a ocupar espaços nas discussões, como a homossexualidade, a sexualidade dos loucos e das crianças. Os discursos, ao veicularem a naturalização de uma determinada concepção de sexualidade, mostraram um duplo ponto de funcionamento (Foucault, 2021), como uma faca de dois gumes, em que os atos considerados impuros e pecaminosos encontravam seus meios de subversão com relação ao sistema de poder instituído.

Os discursos construídos pelo âmbito religioso acerca da sexualidade foram tomados por outras esferas de poder da sociedade. No discurso médico/clínico houve o deslocamento do sexo como culpa e pecado para uma verdade medicinal (Foucault, 2021), acabando por firmarem aquilo que Butler (2021) chama de *performatividade de gênero*. Em outras palavras, os comportamentos e os papéis sociais naturalizados que cada gênero deve seguir, de como precisam construir-se e portarem-se na sociedade.

Os limites da análise discursiva do gênero pressupõem e definem por antecipação as possibilidades das configurações imagináveis e realizáveis do gênero na cultura. Isso não quer dizer que toda e qualquer possibilidade de gênero seja facultada, mas que as fronteiras analíticas sugerem os limites de uma experiência discursivamente condicionada. Tais limites se estabelecem sempre nos termos de um discurso cultural hegemônico, baseado em estruturas binárias que se apresentam como a linguagem da racionalidade universal (Butler, 2022, p. 30 - 31).

Butler põe em questão a categorização de gênero construída por meio do senso de binaridade, Homem X Mulher, que se estabeleceu como a universal em decorrência da hegemonização de um discurso direcionado aos interesses de uma classe social, a classe burguesa, caucasiana, eurocentrada e heterossexual. Logo, a concepção de performatividade proposta por Butler “nos permite desconstruir o conceito de gênero e dar novos significados às relações corporais, no qual deixa de decorrer de normas produzidas por um discurso heteronormativo” (Amaral; Lima, 2022, p. 459).

Esses discursos heteronormativos, por sua vez, concretizam-se nas formas de enunciados verbais e/ou verbo-visuais (Bakhtin, 2016) e emergem, com certa frequência, para peiorar as relações que fogem da heteronormatividade, designando-as como *imorais*, atentado aos *bons costumes* e causadoras de patologias humanas. Notoriamente, a percepção de que as sexualidades divergentes do modelo heteronormativo é um desvio humano, ainda está presente na sociedade, cenário em que a decolonização entra em ação, um pensamento que objetiva permitir “que os silêncios construam argumentos para confrontar os que tomam a ‘originalidade’ como critério máximo para o julgamento final” (Mignolo, 2021, p. 27).

Na próxima seção, discuto como os conceitos de sexo e gênero são invenções coloniais que operam no controle e classificação dos corpos humanos.

### 3 GÊNERO E SEXUALIDADE COMO FABRICAÇÕES COLONIAIS

O perfil do homem branco, eurocentrado e heterossexual se estabeleceu como a identidade social padrão por muito tempo (Hall, 2022; Quijano, 1999), e seus efeitos são sentidos até hoje, mesmo com o avanço dos estudos sobre identidade, gênero, sexualidade, cultura e decolonialidade que objetivam a reconstrução desse perfil. Lugones (2020) mostra que, a fim de tornar essa identidade hegemônica, os processos colonizatórios basearam-se em processos de racialização. Ou seja, em modos de categorização racial que classificaram as populações originárias das terras colonizadas, bem como os povos africanos escravizados, como não-humanos e, por isso, inferiores intelectualmente, fisicamente e culturalmente.

Com a expansão do colonialismo europeu, a classificação foi imposta à população do mundo. Desde então, tem atravessado todas e cada uma das áreas da vida social, tornando-se, assim, a forma mais efetiva de dominação social, tanto material como intersubjetiva. Desse modo, “colonialidade” não se refere apenas à classificação racial (Lugones, 2020, p. 55-56).

Além da classificação racial perpetrada pelo processo de colonização, a autora discute e desenvolve o pensamento de Quijano (1999) sobre colonialidade do poder<sup>2</sup>, do ser<sup>3</sup> e do saber<sup>4</sup>, ampliando essa concepção para além do senso categórico de raças, introduzindo a noção de colonialidade de gênero, entrando em questão a binaridade de gêneros (*homem X mulher*), que classificava a *mulher* como passiva e subalterna aos mandos do *homem*, servindo,

<sup>2</sup> “a colonialidade do poder se funda em duas questões basilares: não apenas denuncia as formas coloniais de dominação após o extermínio das colônias nas nossas formas de entender o mundo e nos relacionarmos nele, mas, principalmente, contemporiza a continuidade desses processos hegemônicos que pareciam ter sido superados ou resolvidos pela modernidade” (Moreira-Júnior; Ifa, 2021, p. 258).

<sup>3</sup> Colonialidade do ser corresponde às formas de existência humana, divergentes da fisionomia humana eurocêntrica, que foram impedidas de ocupar espaços de destaque na sociedade.

<sup>4</sup> Colonialidade do saber diz respeito aos saberes e as formas de construir conhecimentos inferiorizados em decorrência das correntes epistemológicas dos grupos colonizadores.

exclusivamente, “como alguém que reproduzia raça e capital por meio de sua pureza sexual” (Lugones, 2014, p. 936).

O conceito *mulher* destinava-se aquelas pertencentes aos grupos colonizadores, “as fêmeas não brancas eram consideradas animais no sentido de seres ‘sem gênero’, marcadas sexualmente como fêmeas, mas sem as características da feminilidade” (Lugones, 2020, p. 72). As mulheres negras escravizadas eram compreendidas como animais, sem gênero para o trabalho árduo/escravo. Performavam as mesmas tarefas que seus companheiros. Entretanto, para as punições, eram compreendidas como mulheres e, conseqüentemente, estupradas.

Diversas comunidades de nativos-americanos eram matriarcais (Lugones, 2020). O sujeito feminino exercia papel de destaque em suas comunidades, como líderes natas. Nessas comunidades, reconheciam “positivamente tanto a homossexualidade como o ‘terceiro’ gênero, e entendiam o gênero em termos igualitários – não nos termos de subordinação que foram, depois, impostos pelo capitalismo eurocêntrico” (Lugones, 2020, p. 62, grifos da autora). Lugones (2020) ainda discorre que esse sistema colonizador categórico e binário foi incorporado pelos homens nativos, inferiorizando as mulheres indígenas e as impedindo de exercerem “papéis de liderança e de propriedade sobre a terra” (Lugones, 2020), bem como as sexualidades que não objetivavam a procriação, ou seja, que divergiam das práticas heteronormativas e reprodutivas.

Como destaca Santos-Filho (2012, p. 50), “é necessário saber que tanto a ideia de um comportamento sexual natural, em decorrência da procriação, como a concepção de que esse comportamento é fruto de um propósito divino são forjadas por fatores sócio-históricos, ideológicos e políticos”. Essas concepções são parte das tecnologias de dominação colonial submetidas aos modos de vida nos territórios colonizados. Além de demonstrar o seu viés patriarcal ao controlar os corpos das mulheres, impondo a sexualidade heterossexual compulsória. O sexo objetivava somente a procriação, e nunca levava em consideração o prazer feminino.

No livro intitulado *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade* (2018), Silvério Trevisan nos traz relatos do alemão Karl von den Steinen que, ao viajar pelo Brasil Central em 1984, reportou que os índios da aldeia Bororó se relacionavam sexualmente entre si e exerciam trabalhos extremamente delicados, comumente atribuídos às mãos femininas. Nessa mesma obra, o autor ainda revela os registros do padre Pero Magalhães de Gândavo, no ano de 1576, em que o religioso testemunhou que mulheres indígenas Tupinambá exerciam práticas hoje classificadas como homoafetivas. E ele descreve:

Algumas índias se acham nestas partes que juram e prometem castidade e assim não casam nem conhecem homem algum de nenhuma qualidade, nem o consentirão ainda que por isso as matem; estas deixam todo o exercício de mulheres e imitam os homens e seguem seus ofícios como se não fossem mulheres, e cortam seus cabelos da mesma maneira que os machos trazem, e vão à guerra com seu arco e flechas e à caça: enfim que andam sempre na companhia dos homens, e cada uma tem mulher que a serve e que lhe faz de comer como se fossem casadas (Gândavo, 1576 *apud* Trevisan, 2018, p. 57).

A imposição de diretrizes que serviam para classificar os gêneros firmaram-se quando aspectos culturais de povos nativos foram demonizados pelos colonizadores, visando a supremacia das práticas sociais eurocêntricas. Para que, a partir do silenciamento dos povos originários, os grupos colonizadores impusessem as suas concepções, atingindo o domínio total sobre a região colonizada. Com o menosprezo, por parte dos grupos sociais hegemônicos, das práticas sexuais divergentes da heterossexual, comumente recaiu a concepção de associar essas práticas sexuais transgressivas a patologias, desvio da *natureza humana* e atentado à

moral e aos *bons costumes*, restando aos seus praticantes punições extremas em diversos locais, como destaca Trevisan (2018, p. 120):

Na Europa dos séculos XVI, XVII e XVIII, não apenas Espanha, Portugal, França e Itália, católicas, mas também Inglaterra, Suíça e Holanda, protestantes, puniam com severidade a sodomia. Seus praticantes eram condenados a punições capazes de desafiar as imaginações mais sádicas, variando historicamente desde multas, prisão, confisco de bens, banimento da cidade ou do país, trabalho forçado (nas galés ou não), passando por marca com ferro em brasa, execração e açoite público até a castração, amputação das orelhas, morte na forca, morte por fogueira, empalamento e afogamento.

O trecho acima nos mostra a necessidade de desconstruirmos o estereótipo da figura historicamente marginalizada do sujeito homoafetivo ou de outra sexualidade divergente da heterossexual. Estereótipo continuamente defendido nos meios de comunicação da atualidade, especialmente com a ascensão dos grupos de extrema-direita que assumem uma postura *conservadora*.

Uma das principais vertentes que procura ressignificar os alicerces pelos quais a sociedade ocidental foi erguida é a *decolonialidade*. Essa corrente de estudos busca resgatar a imagem, os princípios e os saberes dos povos que foram inferiorizados durante as imposições árduas da colonização europeia na América Latina e em África, representa “um enfrentamento crítico contra toda e qualquer forma de exclusão que tenha origem na situação colonial e nas suas consequências históricas” (Mota-Neto, 2016, p. 44).

Essa rede de pensamentos parte das vivências e dos saberes daqueles grupos que sofreram com as imposições do sujeito colonizador, para transformar ideias anteriormente tidas como *totais, concretas e naturais* pensadas para marginalização e inferiorização desses grupos, em uma concepção que atenda as demandas sociais da atualidade em sua pluralidade. Pois, “os caminhos decoloniais têm todos uma coisa em comum: a ferida colonial, o fato de que regiões e pessoas ao redor do mundo foram classificadas como subdesenvolvidas, econômica e mentalmente” (Mignolo, 2021, p. 27).

Os estudos decoloniais visam a cura dessa ferida, desconstruindo, ou melhor, reconstruindo todo um contexto político, histórico e cultural, trazendo à tona conhecimentos silenciados e inferiorizados pelo sistema colonial. Com base na corrente decolonial, almejo um trabalho que abra espaços para os grupos marginalizados ao longo da história, trazendo novos conhecimentos, construídos por meio da visão desses sujeitos, ressignificando as narrativas impostas pela colonialidade.

Na próxima seção, discuto como a linguagem pode perpetuar as regulações de gênero através da produção de determinados enunciados dotados de valores coloniais.

#### **4 A PRODUÇÃO DE ENUNCIADOS COMO MECANISMO DE PERMANÊNCIA DA COLONIALIDADE DE GÊNERO**

A exploração humana e dos recursos naturais das colônias reverberam até os dias atuais por meio da colonialidade do poder, do saber e do ser (Quijano, 1999). A escravização dos povos nativos é o feito mais extremo da colonização, vitimando milhões de pessoas ao longo dos séculos. Mesmo após conquistarem a independência, devido ao longo período de imposição, os valores eurocêntricos ainda estão fortemente enraizados, sendo colocados em prática, consciente e/ou inconscientemente, por determinados grupos sociais hegemônicos, oprimindo aqueles que divergem dos valores firmados pela comunidade europeia-colonizadora.

A sociedade presencia, a todo instante, processos de construção e desconstrução de valores ideológicos. Valores estes que refletem o arcabouço de traços socioculturais dos

indivíduos (Frank; Conceição, 2021). Um dos mecanismos pelos quais são disseminadas as práticas e valores culturais é o enunciado (Bakhtin, 2016), por meio desse aparato comunicativo, pomos em evidência tudo aquilo que aprendemos e absorvemos, a partir do nosso convívio social, construindo nosso eu à medida que interagimos.

De acordo com a premissa de que o enunciado é uma prática sociocomunicativa e considerando-o como um objeto de estudo, nos remetemos a um apanhado intelectual abrangente, transpassando diversas áreas do conhecimento (Bakhtin, 2016; Moita-Lopes, 2006; Frank; Conceição, 2021). E, ao debatermos sobre um determinado tema, por exemplo, esmiuçamos suas facetas, trazendo à tona problematizações sociais, culturais, históricas, a intenção do locutor em se debruçar sobre tal assunto e suas causas e/ou consequências para a sociedade.

Para Frank e Conceição (2021, p. 13), “vários fenômenos, como interação, socialização, práticas sociais, cultura, comunicação, entre outros, cujo caráter social imbrica-se à linguagem no processo, acionam (in)diretamente a identidade”. Dessa forma, cada ato associado à linguagem evidencia a ideologia do sujeito, logo, é por meio dos atos enunciativos que expressamos nossos valores e percepções acerca das múltiplas situações presentes em nossa sociedade, ou seja,

é pelo discurso que construímos as práticas sociais, legitimamos certas vidas, deslegitimamos outras, elegemos ou contestamos certas naturalizações da posição/colocação social de alguns corpos e de saberes hegemônicos, legitimamos certas existências de umas pessoas em detrimento às existências de outras (Borges; Melo, 2019, p. 5).

Os discursos de *naturalização* de padrões sociais circulam livremente pelas esferas sociais, sejam concretizados na forma de enunciados verbais ou verbo-visuais. Ao assimilarmos um determinado enunciado, passamos por duas fases: I - a assimilação ativa, em que respondo à demanda do enunciado, por meio de um ato responsivo; e, II - a assimilação criativa, na qual a palavra do outro já me constitui. Nesse sentido, Bakhtin (2016) chama atenção para a *Teoria da Alteridade*, reiterando o senso de dialogismo nas relações enunciativas, pois é por meio de minha relação com o outro que modifico minha identidade e assumo uma atitude responsiva.

Eis por que a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros. Em certo sentido, essa experiência pode ser caracterizada como processo de *assimilação* - mais ou menos criador - das palavras *do outro* (e não das palavras da língua). Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de perceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos (Bakhtin, 2016, p. 54).

Os enunciados, ao refletirem e refratarem os valores identitários (Bakhtin, 2016) que, por sua vez, evidenciam a cultura em que o indivíduo está situado, considera os percursos históricos que determinado grupo cultural vivenciou e que colaboraram para a naturalização dos seus valores. Como um território fruto da experiência colonial, é perceptível o emergir de enunciados carregados de ações e manifestações que aludem aos sistemas normatizadores impostos pelo colonizador. Neles, as “hierarquias raciais são um ponto fundamental para pensar a colonialidade, que subalterniza e exerce controle sobre corpos e línguas, e tais hierarquias podem ser analisadas ao observar interseccionalidades entre categorias de diferença e língua(gem)” (Batista, 2021, p. 84).

Nessa direção, compreendo que devemos analisar as situações de opressão e subalternidade por meio de uma visão interseccional, ou seja,

capturar as consequências da interação entre duas ou mais formas de subordinação: sexismo, racismo, patriarcado. Essa noção de interação entre formas de subordinação possibilitaria superar a noção de superposição de opressões. Por exemplo, a ideia de que uma mulher negra é duplamente oprimida (Piscitelli, 2012, p. 199-202).

Esses enunciados, tematizados por valores opressores, assumem uma posição a favor das relações ideológicas e de poder que foram naturalizadas ao longo do tempo, especialmente em manifestações proporcionadas pelas classes sociais hegemônicas. Dessa maneira, todas as pessoas consideradas divergentes da percepção do que é ser *natural* (aqueles que não se enquadram nos moldes colonizadores) vivenciam situações de preconceito e de silenciamento social. Esses valores opressores ganham um efeito de significação por meio da “interação entre o falante e o ouvinte no material de um dado conjunto sonoro” (Volóchinov, 2018, p. 232 - 233), avaliados mediante o contexto de realização, em que os signos ideológicos irão firmar “a realidade de ontem como se fosse a de hoje” (Volóchinov, 2018, p. 113), em defesa dos limites da ideologia naturalizada pelas classes hegemônicas.

Dedico a seção seguinte à metodologia seguida nesta pesquisa, explicitando como e onde os enunciados foram colhidos, e o que os interligam. Trago também as discussões e análises dos enunciados escolhidos, mostrando como o discurso desses agentes da direita buscam o regredir de conquistas de grupos marginalizados na sociedade, a manutenção de valores coloniais e a insistente associação de formas outras de sexualidade humana à patologia e ao desvio na natureza humana.

## **5 A SEXUALIDADE NO DISCURSO DA EXTREMA-DIREITA: ANALISANDO ENUNCIADOS DE PATOLOGIZAÇÃO E DESVIO**

Este estudo seguiu os postulados teóricos da pesquisa qualitativa, tendo como material empírico o texto, investigando as informações em processo (Flick, 2009), visto que trabalharemos com a análise de enunciados proferidos por figuras públicas, partindo das perspectivas da decolonialidade, sexualidade e gênero.

Na pesquisa qualitativa, segundo as considerações de Prodanov e Freitas (2013, p. 70), “há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”. Seguindo esse viés, a pesquisa qualitativa nos permite interpretar variadas situações sociais, levando em conta seu aspecto qualitativo descritivo e interpretativista.

Os enunciados foram colhidos em plataformas de notícias online. O primeiro, do portal de notícias *Revista Fórum*; o segundo, da plataforma jornalística *Metrópoles*; e o terceiro, do site de informações *O Dia*. A escolha dos referidos enunciados dá-se por serem produzidos por agentes que adotam uma ideologia em comum, a ideologia da extrema-direita, carregada de alto teor preconceituoso, homofóbico, transfóbico e que associam sexualidades distintas da heteronormatividade como desvio da natureza humana e à patologia.

Todos os 3 (três) enunciados foram produzidos em 2022, ano bastante conturbado com o embate de posições ideológicas distintas defendidas por grupos opostos que se enfrentaram nas eleições desse mesmo ano. Além de repercutirem em massa, mais uma vez, informações falhas com a verdade, visando a disseminação do medo e do ódio a grupos sociais específicos.

O primeiro enunciado a ser analisado foi proferido pelo ex-presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro. Em uma entrevista ao *Flow Podcast*<sup>5</sup>, ao ser debatida a questão da vacinação contra a varíola dos macacos (*monkeypox*). Vejamos a transcrição do referido trecho:

**Bolsonaro:** Daqui a pouco tem a varíola do macaco. Você vai tomar a vacina também? E se for impositiva?

**Igor Coelho:** Porra, se vier a vacina da varíola do macaco, eu vou tomar presidente.

**Bolsonaro:** Tenho certeza que vai tomar. (risos) Tu não me engana!

Bolsonaro indaga o apresentador do Flow Podcast, Igor Coelho, se ele tomaria a vacina contra a varíola. Ao afirmar que sim, o ex-presidente, em tom cômico, diz: “Tenho certeza que vai tomar. (risos) Tu não me engana.”. Na fala em destaque fica subentendido que o apresentador do *Flow Podcast* teria comportamentos homoafetivos, recaindo sobre ele a vontade de se vacinar contra a doença que estava atingindo um número significativo de pessoas no Brasil, não só em terreno brasileiro, mas em todo o mundo, chamando a atenção da Organização Mundial de Saúde (OMS).

Ressalto que diversos comentários eclodiram nas mídias associando a varíola dos macacos às práticas homoafetivas,<sup>6</sup> culpando os indivíduos homoafetivos como causadores de uma segunda possível pandemia. Tais comentários ganharam reforço quando o diretor da OMS aconselhou que “homens que fazem sexo com outros homens diminuíssem o número de parceiros”<sup>7</sup>. Rapidamente, muitos perfis de compartilhamento de *Fake News* distorceram a fala do diretor da OMS, espalhando mensagens que afirmavam que pessoas sexualmente homoafetivas deveriam ser isoladas para conter o avanço da doença.

Mesmo que a varíola dos macacos tenha contaminado um número significativo de homens homoafetivos, segundo dados divulgados pela CNN<sup>8</sup>, não era uma doença que teve sua origem e propagação exclusiva na comunidade LGBTQIA+, pois atingiu e se disseminou em pessoas heterossexuais. Desse modo, vejo, na fala do ex-presidente, comportamentos coloniais no que tange à percepção de sexualidade, perpetuando à padronização heteronormativa imposta na sociedade, associando as relações não compatíveis com essa normatividade como patologia, algo que deveria ser aniquilado. Pois, “os colonizadores se beneficiam da destruição dos outros sujeitos a fim de retroalimentar suas posições políticas. Assim, a normatividade é construída de forma análoga ao seu corpo, seu afeto e sua - friso **sua** - percepção de mundo” (Teixeira, 2021, p. 29).

Indiscutivelmente, é comum remeter doenças à comunidade LGBTQIA+, a exemplo da AIDS, nos anos 80, associada às relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo que, por grande preconceito da comunidade médica e das instituições governamentais, vitimou milhões de pessoas no mundo. “O indivíduo de inclinação homoafetiva foi, mais uma vez,

<sup>5</sup> Bolsonaro será denunciado no MP por associar varíola dos macacos aos homossexuais. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/lgbt/2022/8/9/bolsonaro-sera-denunciado-no-mp-por-associar-variola-dos-macacos-aos-homossexuais-121429.html>. Acesso: 01/04/2023.

<sup>6</sup> Varíola dos macacos: entidades criticam estigma a homossexuais. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/saude/variola-dos-macacos-entidades-criticam-estigma-a-homossexuais/>. Acesso em 06 de Novembro de 2023.

<sup>7</sup> Varíola dos macacos: OMS pede redução dos parceiros sexuais homoafetivos. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2022/07/27/interna\\_internacional,1382931/variola-dos-macacos-oms-pede-reducao-dos-parceiros-sexuais-homoafetivos.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2022/07/27/interna_internacional,1382931/variola-dos-macacos-oms-pede-reducao-dos-parceiros-sexuais-homoafetivos.shtml). Acesso em 06 de Novembro de 2023.

<sup>8</sup> Entenda por que a varíola dos macacos tem afetado principalmente homossexuais e bissexuais. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/entenda-por-que-a-variola-dos-macacos-tem-afetado-principalmente-homossexuais-e-bissexuais/>. Acesso em 04 de Abril de 2023.

marginalizado e massacrado por toda a comunidade, na qual ser “gay” passou a ser sinônimo de algo doentio e contagioso” (Assis; Melo-Neto, 2022, p. 98). Inteiramos que a associação de práticas homoafetivas à doença e ao desvio mental perdurou por muitos anos no contexto médico, sendo somente no ano de 1990 que foram retiradas da lista de doenças da OMS.

A fala de Jair Bolsonaro é bem recebida pelo seu público, uma vez que utiliza uma linguagem descontraída e em tom de brincadeira, objetivando atenuar o seu impacto. Todavia, sua fala desperta certa euforia social por estar ocupando a posição de maior líder de uma nação naquele momento. Pois, há o convite para as pessoas, que compartilham do seu mesmo senso ideológico, externarem suas opiniões preconceituosas direcionadas a grupos específicos da sociedade, como a comunidade LGBTQIA+. Dessa forma, gera um movimento retrogrado, pondo em risco a perda cabal de direitos conquistados através de anos de lutas.

No segundo enunciado, trago uma fala do Youtuber Marcelo Frazão<sup>9</sup>, apoiador do ex-presidente Bolsonaro, amplamente divulgado em grupos do *WhatsApp*. O contexto de produção foi a vacinação da *COVID-19*, em que as pessoas eram induzidas, pelos grupos da extrema-direita, a não tomarem a vacina. O Youtuber diz o seguinte sobre a vacina:

Pauta comunista que tem como objetivo reduzir a população mundial. As pessoas que a tomarem vão passar a ter problemas gravíssimos de saúde. Os filhos e os netos vão ter problemas graves porque ela vai alterar o código genético. Quando seu filho for ter o filho dele, ele vai nascer com problema. O menino pode deixar de ser menino, vai virar menina. A menina deixa de ser menina e vira menino.

A afirmação de Marcelo mostra a associação da identidade de gênero e orientação sexual com doenças genéticas, ou seja, ao dizer que a vacina poderia causar a mudança de gênero em crianças, em decorrência de seu efeito colateral, causada pela carga viral contida no medicamento, criando uma síndrome genética associada ao grupo LGBTQIA+. Fica visível seu preconceito com pessoas que se identificam com sexualidades outras, além de propagar argumentos falsos sobre a vacinação da *COVID-19* em um cenário caótico da saúde pública brasileira. São discursos como o de Frazão que influenciaram pessoas a não tomarem a vacina e que acabaram morrendo em decorrência das complicações geradas pela doença, que poderiam ser evitadas com a vacinação.

O canal de Frazão foi banido do *YouTube* e ele foi condenado a pagar R\$ 60,6 mil, além de cumprir prestação de serviços públicos, no lugar da pena de 2 anos e 4 meses de reclusão social. Sobre os áudios de Marcelo Frazão, o promotor William Daniel Inácio constatou que “as mensagens de áudio e texto divulgadas pelo denunciado são homofóbicas e transfóbicas, revelando aversão odiosa à orientação sexual e à identidade de gênero de número indeterminado de pessoas, ao compará-las a doenças e ao sugerir sua ligação com questões genéticas”.

As falas de Marcelo coincidem com as de Bolsonaro, na medida em que se mostram como sujeitos adeptos dos valores ideológicos da extrema-direita. Ambos repercutem, por meio de suas práticas enunciativas, valores coloniais, considerando formas outras de existência de sexualidade e de gênero como algo doentio e contagioso. E, ao disseminar tais posições através dos meios de comunicação online, é evidente uma das características mais notáveis dos movimentos de extrema-direita, “a sua articulação global, que antes não existia ou não era visível, e que tem nas redes sociais um instrumento privilegiado de difusão” (Krenak; Silvestre; Santos, 2021, p. 31).

---

<sup>9</sup> Youtuber é condenado após associar vacina à homossexualidade. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/youtuber-e-condenado-apos-associar-vacina-a-homossexualidade>. Acesso: 01/04/2023.

O terceiro e último enunciado foi proferido pelo deputado bolsonarista Rodrigo Amorim (PTB/RJ), o mesmo que quebrou a placa de Marielle Franco<sup>10</sup>, direcionando suas falas à vereadora Benny Briolly (PSOL/RJ), uma mulher trans, negra e umbandista. Em sua fala, ocorrida no dia 17 de maio de 2022, em uma reunião da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ), Rodrigo afirma: “Ela faz referência a um vereador homem pois nasceu com pênis e testículos, portanto é homem... O vereador homem de Niterói parece um Belzebu porque é uma aberração da Natureza”<sup>11</sup>.

Nesse sentido, ainda há uma interseção entre a raça, a religião e a identidade de gênero assumida por Benny. A não conformidade de suas subjetividades com os padrões cisheterossexuais, caucasianos, eurocentrados e cristãos, realocam a uma posição de subalternidade social. Dessa forma, com alto teor de ódio e transfobia, as falas de Rodrigo associam a identidade de gênero e a religiosidade, assumidas pela vereadora Benny, a uma aberração demoníaca, Belzebu<sup>12</sup>.

Esse pensamento remete a não identificação com a binaridade de gênero a um desvio humano, indo contra os preceitos difundidos de uma naturalização humana que leva em consideração a categorização binária de gênero estabelecida pelos costumes eurocêtricos infligidos às sociedades originárias da atual América e de África (Lugones, 2020). Em outras palavras, Silva (2019) diz que a violência infligida a pessoas trans:

só me parece possível em função de uma compreensão mais ampla e profunda de sua implicação nos processos de hierarquização e precarização de determinadas formas de vida em funcionamento nas dinâmicas de manutenção das relações de colonialidade de gênero, a partir da intersecção de diferentes marcadores sociais da diferença (Silva, 2019, p. 34).

Noto que a fala do deputado Rodrigo leva em consideração os fatores ontológicos para a classificação de gênero. Sexualidades outras, que assumem um papel de subversão aos preceitos cisheteronormativos, sofrem incessantemente com a precarização e patologização no meio social. Entretanto, partindo das reflexões acerca de gênero e sexualidade, afirmo que assumir-se como um sujeito feminino ou masculino não é algo estabelecido pela corporeidade, mas sim, de “um construto social, cultural, político e ideológico. Ou seja, um artefato que constrói relações de poder, sendo nessas relações construído” (Santos-Filho, 2017, p. 120).

Os três enunciados apresentados repercutem a concepção de uma sexualidade divergente da heteronormativa como algo doentio, desvio mental e da natureza humana, ainda fortemente disseminada na sociedade, em especial, com o fortalecimento de grupos de extrema direita nos últimos anos. Assim, a linguagem e suas imbricações são fatores políticos e de poder, reverberando os posicionamentos ideológicos tomados e/ou defendidos pelos usuários da língua.

No discurso da extrema-direita, o medo e a insegurança estão presentes e são convocados a apontar contra aqueles que foram escolhidos como inimigos responsáveis pela decomposição social. Segundo sua narrativa de ódio, estes

<sup>10</sup> Deputado bolsonarista que quebrou a placa de Marielle é denunciado por violência política e de gênero. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/deputado-bolsonarista-que-quebrou-placa-de-marielle-e-denunciado-por-violencia-politica-de-genero/>. Acesso em 05 de Novembro de 2023.

<sup>11</sup> Vídeo: vereadora é alvo de ofensas transfóbicas de deputado bolsonarista em sessão da Alerj. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2022/05/6404021-video-vereadora-e-alvo-de-ofensas-transfobicas-de-deputado-bolsonarista-em-sessao-na-alerj.html>. Acesso em 02 de Outubro de 2023.

<sup>12</sup> Na narrativa religiosa cristã Belzebu é um dos nomes do diabo e/ou um dos sete príncipes do inferno.

são as mulheres, as pessoas trans, as pessoas negras, as pessoas indígenas, os espertalhões sem-teto, os vagabundos sem-terra, os jovens delinquentes, a população carcerária, os governos fracos, a democracia e suas leis brandas demais, os sistemas que (em seus delírios) acolheria a todos os mencionados acima e aos seus defensores comunistas (Krenak; Silvestre; Santos, 2021, p. 58-59).

São falas que põem em operação os construtos sociais da colonialidade, legitimando a supremacia dos padrões eurocentrados de corporeidade, de sexualidade e de gênero em decorrência da não-humanidade de formas outras de manifestações da sexualidade humana. Nesse sentido, pessoas transsexuais, pessoas homoafetivas, pessoas indígenas, pessoas negras e mulheres respondem às relações de poder calcadas em hierarquias implicadas pelo patriarcado.

No que tange ao corpus de pesquisa deste trabalho, os enunciados de três homens brancos, cisheterossexuais, evangélicos conservadores e abastados economicamente que detêm certo *status* social (um ex-presidente, um Youtuber e um deputado) trazem concepções acerca da pluralidade sexual, especialmente da homoafetividade, associadas à patologia, ideia presente na sociedade desde períodos remotos da história humana. E com as imposições de categorização de raça e de gênero, incrementadas pelas colonialidades do ser, do poder e do saber (Quijano, 1999), tais concepções são enraizadas em culturas que aceitavam sexualidades divergentes da heteronormativa, como discutido anteriormente.

Entretanto, saliento a existência de pessoas que vivenciam sexualidades outras e são apoiadoras desses discursos. A meu ver, essas pessoas são induzidas, seja por influência da família, da religião, do círculo de pessoas próximas etc., a adotarem um postura baseada nos preceitos cisheterossexuais e reproduzi-los em suas práticas sociais. Esses sujeitos perpetuam as imposições coloniais de aniquilamento de subjetividades humanas outras e, ironicamente, compactua com um discurso de suicídio. Ou seja, ao apoiar tais discursos, esse sujeito não está apenas estigmatizando pessoas de sexualidades outras, mas realocando a si próprio a uma posição de subalternidade, marginalização e aniquilamento social.

## 6 ÚLTIMAS PALAVRAS

Ao tomar como base que os enunciados são aparatos sociocomunicativos e que por eles são disseminados os valores culturais e ideológicos dos sujeitos usuários de uma determinada língua, é pela sua efetivação que pomos em evidência, consciente e/ou inconscientemente, tudo aquilo que absorvemos e aprendemos durante nosso convívio social. E, partindo de uma sociedade estruturada nos padrões impostos pela colonização, dos quais reverberam os efeitos da colonialidade, vemos a concretização de práticas enunciativas ainda fortemente dotadas dos valores do grupo colonizador.

Essas diretrizes ideológicas advindas do processo de colonização repercutem na medida em que os grupos de extrema-direita ganham espaço de poder nas instituições públicas. Esses grupos hegemônicos, majoritariamente compostos por burgueses brancos, se apoiam na ideia de binaridade (branco X negro/indígena, heterossexual X homoafetivo e/ou outras manifestação sexual) que serviu de base para categorizar as pessoas originárias dos territórios sob dominação colonial, relegando a esses nativos o lugar de subalterno, o que não podia existir no meio social, conseqüentemente *animais* utilizáveis para a servidão.

De tal modo, a questão da sexualidade entra em cena, pois uma vez que as práticas culturais do colonizado são inferiorizadas pelo povo colonizador, suas práticas sexuais e papéis de gêneros passam a decair, entrando em vigor o modelo heteronormativo caucasiano. Ou seja, inferiorização da figura feminina, outrora modelo de poder em muitas comunidades indígenas

das Américas; e impedimento de manifestações sexuais que divergem do ato heterossexual, por meio da sua demonização e patologização.

Como discutido no corpo deste trabalho, há a necessidade de decolonizarmos nossa sociedade, buscando ressignificar formas outras de existência apagadas pela colonização do ser, do saber e do poder. Encontrar meios de resgatar conhecimentos marginalizados e suscitar a voz ativa de grupos subalternizados em uma sociedade cada vez mais heterogênea, reconhecendo que os padrões colonizadores não atendem às necessidades atuais.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, Lucas Santos de; MELO-NETO, Moisés Monteiro de. O homoerotismo em Bom-Crioulo, de Adolfo Caminha. In: MELO-NETO, Moisés Monteiro de. (Org.). **Casos de homoafetividade na história e na literatura: amor, erotismo e violência**. Recife: Libertas, 2022.
- AMARAL, Rosana Carvalho Bastos; LIMA, Deyvison Rodrigues. Judith Butler sobre o gênero: as performances e os corpos estranhos. **Kínesis-Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia**, v. 14, n. 36, p. 444-463, 2022.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- BATISTA, Thaís Elizbeth Pereira. Intersecções entre ideologias linguísticas e raciolinguísticas na manutenção de hierarquias raciais. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 60, n. 1, p. 82-95, jan./abril, 2021.
- BOITO-JÚNIOR, Armando. O caminho brasileiro para o fascismo. **Caderno CRH**, v. 34, 2021.
- BORGES, Roberto Carlos da Silva; MELO, Glenda Cristina Valim de. Quando a raça e o gênero estão em questão: embates discursivos em rede social. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, 2019.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- FRANK, Hélvio; CONCEIÇÃO, Mariney Pereira. Identidade em Linguística Aplicada: em direção a uma sistematização conceitual. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 21, p. 11-31, 2021.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Lamparina, 2022.
- KRENAK, Ailton; SILVESTRE, Helena; SANTOS, Boaventura de Souza. **O sistema e o antissistema: três ensaios, três mundos no mesmo mundo**. Autêntica Editora, 2021.
- LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020. p. 51 – 81.
- \_\_\_\_\_. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, p. 935-952, 2014.
- MIGNOLO, Walter D.; VEIGA, Isabella Brussolo. Desobediência Epistêmica, Pensamento Independente e Liberdade Decolonial. **Revista X**, v. 16, n. 1, p. 24-53, 2021.

MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos Pagu**, n. 28, p. 101-128, 2007.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Sociedade e Estado**, v. 32, p. 725-748, 2017.

MOITA-LOPES, Luiz Paulo da. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: MOITA-LOPES, Luiz Paulo da Moita. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, p. 13-44, 2006.

MOREIRA-JÚNIOR, Rusanil dos Santos; IFA, Sérgio. Práticas discursivas de colonialidade no aplicativo Grindr: a masculinidade homoerótica patologizada. **Entrepalavras**, v. 11, n. 3, p. 255-276, 2022.

MOTA-NETO, J. **Por uma pedagogia decolonial na América Latina**: reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda. Curitiba: Editora CRV, 2016. p. 43-100.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, direitos humanos e vítimas. In: MISKOLCI, Richard.; P. Larissa. (Orgs.). **Discursos fora da ordem**: sexualidades, saberes e direitos. São Paulo: Annablume, 2012.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2013.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina. **Dispositio**, v. 24, n. 51, p. 137-148, 1999.

SANTOS-FILHO, Ismar Inácio dos. **A construção discursiva de masculinidades bissexuais**: um estudo em linguística Queer. Recife, 2012. 248 f. Tese (doutorado) - UFPE, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-graduação em Letras, 2012.

SILVA, Danillo da Conceição Pereira. O dispositivo da colonialidade de gênero no discurso transfóbico online. **Raído-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD**, v. 13, n. 33, p. 10-27, 2019.

SILVA, Danillo da Conceição Pereira. **A linguagem contra a democracia**: registros discursivos antigênero na política do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. 2022. 321 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022.

SILVA, Natália Luczkiewicz da; MENICONI, Flávia Colen. Letramento crítico e decolonialidade: construindo espaços de resignificação. In: ROCHA, Max Silva da. et al. (Orgs.) **Entre a Língua, o Texto e o Discurso**. Teresina: Editora Pathos, 2023.

TEIXEIRA, Thiago. **Decolonizar valores**: ética e diferença. Salvador, BA: Devires, 2021.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.